

1                                   **A CATEGORIZAÇÃO LINGUÍSTICA DO LATIM**  
2   **NA ATUALIDADE:**  
3   **UMA QUESTÃO CONTROVERSA**

4   *Camilla da Silva Mendes* (IFF)  
5   camillamendes12@hotmail.com  
6   *Nathalia Reis de Medeiros* (IFF)  
7   nathalia.reism@gmail.com  
8   *Thiago Soares de Oliveira* (IFF e UENF)  
9   so.thiago@hotmail.com

10  
11   **RESUMO**

12                                   A língua latina, oriunda de um tronco chamado itálico, pertencente à família indo-europeia. Ainda que tenha dado origem a tantas outras línguas, tem sido motivo de questionamento em relação à sua atual situação dentro da classificação linguística. Diante disso, o objetivo traçado neste trabalho, resultado de pesquisa desenvolvida no âmbito do Instituto Federal Fluminense, especificamente, no Núcleo de Estudos Culturais, Estéticos e de Linguagens, consiste em abordar os conceitos de língua viva, morta, extinta e hipotética com o intuito de analisar, a partir de abordagens históricas, qual dos conceitos mencionados se aplica à língua latina.

20                                   **Palavras-chave:** Língua latina. Classificação linguística. Gramática histórica.

21  
22                                   **1. Introdução**

23                                   A discussão sobre o latim ser ou não uma língua morta é algo pertinente, principalmente nos estudos de letras. Acerca desse assunto, é possível encontrar diferentes pontos de vista, porém, independentemente de sua definição, no século XXI, é imprescindível saber que o conhecimento de latim se faz necessário para o aprofundamento de muitas línguas românicas, inclusive o português. Deve ainda ser ressaltado que tal disciplina, quando ensinada na graduação de letras, não deve ser encarada como saudosismo ou afins, e sim como algo de suma importância para um completo aprendizado.

32                                   Além do conceito de língua viva e morta, há também os conceitos de língua hipotética e extinta, a serem analisados como possíveis opções para a classificação do latim. Esse trabalho visa mostrar a dificuldade existente de situar a língua latina dentro de uma categorização linguística estanque, já que ora desponta como língua viva, ora como língua morta. Nesse caso, tenta-se responder à seguinte questão-problema: qual seria a

1 classificação linguística atual do latim? Para isso, na segunda parte do es-  
2 tudo, consta uma reflexão que procura relativizar os termos em busca de  
3 uma melhor adequação da língua.

4 Busca-se entender, além dos conceitos apresentados, o significado  
5 de cada termo abordado, esclarecendo impasses como a frequente confu-  
6 são entre língua extinta e língua morta que, como será visto ao longo des-  
7 te trabalho, são definições diferentes. Tais concepções e reflexões serão  
8 respaldadas em autores como Evani de Carvalho Viotti (2008), Vera Lú-  
9 cia Anunciação Costa (1996), Thaís Cristófaró-Silva (2002), Mário Edu-  
10 ardo Viaro (2013) e outros que se dedicam ao estudo do latim e suas ver-  
11 tentes.

12 No mais, o trabalho a seguir também explicará, a reboque, as dife-  
13 rentes possibilidades na qual uma língua pode se encaixar, bem como  
14 qual delas seria a que melhor se aplica à língua latina, uma vez que não é  
15 possível garantir a sua definição exata devido à própria controvérsia entre  
16 os autores. Obviamente, a conclusão apresentada não deve ser encarada  
17 como um veredicto para a questão-problema do artigo, já que não se pre-  
18 tende esgotar o assunto, mas levantar reflexões teóricas sobre ele.

19

## 20 **2. *Conceitos e abordagens preliminares***

21 A língua é uma parte definida e essencial da linguagem. Pode ser  
22 considerada como um produto social e também um conjunto de conven-  
23 ções necessárias estabelecidas e usufruídas por um determinado grupo  
24 social em prol da linguagem, ou seja, da comunicação. Em abordagem  
25 estruturalista, Ferdinand de Saussure (1973) aponta que a língua é a nor-  
26 ma para todas as manifestações que competem à linguagem. Logo, pode  
27 ser compreendida como um fenômeno que vai além do domínio indivi-  
28 dual. Ela é um produto de uma comunidade (VIOTTI, 2008). Segundo  
29 Napoleão Mendes de Almeida (2005), uma língua pode ser classificada  
30 como viva, morta ou extinta.

31 Passando, a princípio, à explicação sistemática dos conceitos  
32 apresentados por Napoleão Mendes de Almeida (2005), é necessário ob-  
33 servar que uma língua viva é passível de mudanças devido ao tempo,  
34 além de situações de diversas ordens, e que tal processo não para nunca.  
35 Isso torna a língua viva uma entidade mutável e heterogênea, dinâmica,  
36 por assim dizer, podendo ser caracterizada, pois, como aquela que é usa-  
37 da como instrumento contínuo de comunicação entre os indivíduos de

1 uma determinada nação (COSTA, 1996), ou seja, é a língua "atualmente  
2 falada por um povo ou tribo" (ALMEIDA, 2005, p. 18), como o portu-  
3 guês, o francês, o italiano etc.

4 Ocorre que a língua viva é de fato heterogênea e apresenta um di-  
5 namismo inerente, o que permite dizer que, dentro de tal idioma, podem  
6 existir formas distintas, que variam e podem ser descritas e analisadas ci-  
7 entificamente. Aliás, essa variação é um "fenômeno universal e pressu-  
8 pões formas linguísticas alternativas denominadas variantes" (MOL-  
9 LICA, 2013, p. 9), que podem ser observadas de modo contextualizado,  
10 levando-se em conta o local, a classe social, a idade, o gênero do falante  
11 da língua viva, além de outros aspectos também importantes e que se re-  
12 ferem a traços próprios dos falantes.

13 Nesse sentido, no ambiente onde se desenvolve uma língua viva a  
14 homogeneidade é ficcional, não real. Conforme, pontua John Lyons  
15 (2011), não se pode crer ou pressupor que todos os indivíduos falem exa-  
16 tamente a mesma língua dentro de uma comunidade linguística. Isso  
17 ocorre porque a língua viva admite muitas facetas, que podem observa-  
18 das por meio da pronúncia, da gramática e do vocabulário do falante, por  
19 exemplo, além de diferenças linguísticas bastante óbvias como o sotaque  
20 do indivíduo e o dialeto manejado na região.

21 Imaginando, pois, a língua portuguesa que se manifesta no Brasil,  
22 percebe-se que existem várias nuances que são peculiares ao português,  
23 as que se apresentam dentro de um quadro amplo de características que  
24 abrange as línguas vivas em geral. Assim, o português comporta distin-  
25 ções internas na forma de falar, por exemplo, por cauda da heterogenei-  
26 dade que é inerente a uma língua viva, dinâmica e mutável, diferente-  
27 mente do que ocorreria como uma língua morta, por suas próprias carac-  
28 terísticas.

29 O fato de que algumas línguas desaparecem ao longo do tempo é  
30 conhecido. Isso se aplica ao caso das línguas clássicas, como o latim e o  
31 grego. É importante ressaltar, porém, que as causas relacionadas ao desa-  
32 parecimento, extinção ou morte de uma língua não estão diretamente li-  
33 gadas a aspectos linguísticos. Passando agora à morte de uma língua, sa-  
34 be-se que esta se dá de maneira tão abrupta que, em geral, não é possível  
35 identificar exatamente os seus estágios de desaparecimento. Nesse senti-  
36 do, serão apresentados a seguir alguns casos de morte da língua que fo-  
37 ram apontados pela estudiosa do assunto Thaís Cristófar-Silva (2002).

1 O primeiro caso de morte de uma língua se aplica às situações em  
2 que o pesquisador não pode investigar o processo de desaparecimento  
3 desta, devido ao fato de existirem poucos falantes vivos de tal língua.  
4 Sendo assim, há uma grande dificuldade em recolher materiais de estudo  
5 para que seja feita uma definição mais exata. Já o segundo caso está as-  
6 sociado a uma opressão política imposta aos falantes de determinada lín-  
7 gua, como ocorreu em El Salvador, país onde os falantes do *lenca* e do  
8 *cacaopera* tiveram de parar de fazer uso de sua língua materna. Tais fa-  
9 lantes foram reprimidos e dizimados. Os sobreviventes, por sua vez, dei-  
10 xaram de falar a sua língua para não serem mais reconhecidos como parte  
11 daquele grupo étnico. O terceiro caso, por seu turno, é marcado pelo fato  
12 de a língua não ser mais usada de maneira coloquial, mas apenas em situ-  
13 ações de ritual, mesmo que seja normal o uso de alguns itens do léxico,  
14 cujo conteúdo semântico não é reconhecido verdadeiramente pelos even-  
15 tuais praticantes. (CRISTÓFARO-SILVA, 2002)

16 Com base nos três casos apresentados, é possível dizer que não é  
17 tão simples definir uma língua como morta, já que se fazem necessárias  
18 diversas percepções. Todavia, os exemplos citados mostram que é mais  
19 comum conviver com uma língua morta do que se imagina. A questão da  
20 morte de uma língua é muito mais complexa e envolve inúmeros questi-  
21 onamentos como: É morta a língua não falada, mas escrita? É morta a  
22 língua oficial de um país, ainda que a nação não tenha falantes nativos? É  
23 morta a língua que sobrevive no uso constante do léxico corrente, mesmo  
24 que os falantes não reconheçam tais itens lexicais como de outro idioma?

25 Tomando o latim como exemplo, sabe-se que é escrito, embora  
26 praticamente não falado; é língua oficial do Vaticano, mas não tem falan-  
27 tes nativos; sobrevive no léxico corrente, mas os falantes às vezes não re-  
28 conhecem os traços latinos. Consoante Napoleão Mendes de Almeida  
29 (2005, p. 18), uma língua é considerada morta quando "não é usada por  
30 nenhum povo ou tribo, mas sobrevive em documentos". Aliás, o autor ci-  
31 ta o latim como língua morta, desconsiderando que tal língua é atualmen-  
32 te cultivada de diversos ambientes, acadêmicos ou não, não dependendo  
33 exclusivamente de uma sobrevivência em documentos antigos (SANTOS  
34 SOBRINHO, 2013). Trata-se, na verdade, de um caso bastante peculiar.

35 Sobre a extinção de uma língua, não é comum encontrar em estu-  
36 dos a explicação desse processo. Em geral, os casos são apenas citados,  
37 sem preocupação com maiores delongas explicativas. Na tradição norte-  
38 americana, por exemplo, foi notada a importância da documentação das  
39 línguas, uma vez que elas estavam desaparecendo. O obstáculo da situa-

1     ção se encontra no fato de que o interesse da documentação não era o  
2     processo de extinção, e sim a descrição linguística dos falantes cujas lín-  
3     guas iriam desaparecer. Todo o problema descrito implica diretamente a  
4     explicação do que seria uma língua extinta, visto que o material de estu-  
5     do é escasso devido à falta de interesse. (CRISTÓFARO-SILVA, 2002)

6             Sobretudo, faz-se necessário ressaltar que língua extinta é diferen-  
7     te de língua morta, e ambas não devem ser confundidas. A língua pode  
8     ser considerada extinta uma vez que não é mais utilizada nem se faz ne-  
9     cessário esforço para aprendê-la. Nota-se que o mesmo não ocorre com a  
10    língua morta. É possível dizer que uma língua extinta é uma língua apa-  
11    gada na qual não se encontram sequer falantes vivos. Um exemplo de  
12    língua extinta é o dalmático, falado na antiga Dalmácia e o rético, falado  
13    na Récia, que são línguas românicas atualmente extintas (VILAS BOAS  
14    & HUNHOFF, 2014). Nesse caso, além de não haver falantes nativos, tal  
15    língua não deixou literatura comprobatória de existência, ainda que se  
16    sabia ter existido.

17            Para Napoleão Mendes de Almeida (2005, p. 18), a língua extinta  
18    "não é falada nem deixou provas de sua existência", como é o caso das  
19    línguas supostamente faladas pelos etruscos e pelos celtas. Nesta defini-  
20    ção, dificilmente poderia ser enquadrado o latim, já que, além da farta li-  
21    teratura que atesta a sua existência, o idioma é adotado em várias searas  
22    do saber (direito, filosofia, teologia) e incentivado no ambiente universi-  
23    tário. Assim, de certa forma, o latim é manejado, não podendo ser com-  
24    parado à língua etrusca. Eis, então, parte do problema classificatório do  
25    latim, que não seria precisamente classificado como morto nem extinto.

26            Há um Clube de Simulações da Universidade de São Paulo, rela-  
27    cionado à UNESCO, que divide o processo de extinção de uma língua  
28    em três, sendo o primeiro a extinção repentina, que ocorre quando há  
29    uma perda de um grupo completo e de maneira rápida; o segundo seria a  
30    extinção radical, que é parecida com o primeiro, porém, deixa alguns so-  
31    breviventes que, por fim, abandonam a sua língua, por não terem mais  
32    com quem utilizá-la; por último, a extinção gradual, que é o tipo mais  
33    comum e pode demorar gerações até que se alcance a inexistência. Devi-  
34    do ao seu caráter gradual, é possível encontrar trabalhos que possuíam o  
35    intuito de revitalizar o uso da língua ou, nos casos irreversíveis, registrá-  
36    la para que não desapareça por completo no campo fonético ou da escri-  
37    ta.

1 A língua, no geral, é uma parcela cultural que dá identificação a  
2 um lugar. Ela se torna um meio de expressão da identidade local e liga os  
3 falantes do passado, presente e futuro. Junto dessa suposta língua é pos-  
4 sível encontrar conhecimento de mundo e experiência humana, por isso  
5 tem havido um contínuo esforço para evitar que determinadas línguas des-  
6 sapareçam. Há países inclusive adotando meios que inibem tal processo  
7 por meio da valorização de línguas minoritárias, como é o caso da União  
8 Europeia. (JONES, 2003)

9 Há ainda a denominação "língua hipotética", abordada por autores  
10 como Mário Eduardo Viaro (2013), Edwin Bucher Williams (1986), Joa-  
11 quim José Nunes (1969), Bruno Fregni Bassetto (2010). É possível en-  
12 tender que tal termo se refere às línguas que não possuem documentos  
13 suficientes para a comprovação de sua existência, sendo necessário um  
14 estudo comparativo baseado em suposições. Como exemplo de língua  
15 hipotética, tem-se o indo-europeu, já que foi reconstruído com base em  
16 fragmentos heterogêneos e de época remota. Entretanto, denominar uma  
17 língua como hipotética não é tão simples como parece.

18 No século XVI, diante de algumas palavras parecidas existentes  
19 no latim, no grego e no sânscrito, despertou-se o interesse de alguns es-  
20 tudiosos, que se dedicaram à reconstrução linguística do que seria a "lín-  
21 gua-mãe". No entanto, apesar dos esforços para chegar a uma língua res-  
22 ponsável pela existência de todas as outras, o resultado previsto não foi  
23 alcançado. Através da noção de afiliação genética das línguas, foi possí-  
24 vel estabelecer as chamadas famílias linguísticas, que constatarem o paren-  
25 tesco existente entre as línguas. (VIARO, 2013)

26 Essa noção de afiliação genética das línguas, como explica Mário  
27 Eduardo Viaro (2013), torna-se tangível quando se percebe que o portu-  
28 guês provém do latim, e o latim, por sua vez, provém de um ramo hipoté-  
29 tico denominado itálico. O itálico, por seu turno, provém de outro grupo  
30 hipotético ainda mais antigo, o indo-europeu, sendo ambos situados lin-  
31 guisticamente no campo da hipótese, já que não documentados, mas sim  
32 reconstruídas com base em comparações entre vocábulos de várias lín-  
33 guas. Não se trata, obviamente, de assunto que abranja a língua latina.

### 34 35 **3. Reflexão: em qual conceito se encaixa o latim?**

36 O latim é conhecido por ser a língua-mãe do idioma de diversos  
37 povos. Tal língua "vem de um grupo hipotético chamado itálico" (VIA-

1 RO, 2013, p. 107) e deu origem às chamadas línguas românicas<sup>1</sup>, dotadas  
2 de características que comprovam essa relação.

3 Edwin Bucher Williams (1986) explica que, enquanto o latim  
4 clássico<sup>2</sup> se tornava uma língua morta, ou seja, seu uso era cada vez mais  
5 restrito, o latim vulgar<sup>3</sup>, modalidade linguística da qual se originou o por-  
6 tuguês, seguia em desenvolvimento. Segundo o mesmo autor, o latim  
7 vulgar não cultivou uma grande literatura que pudesse comprovar sua  
8 existência, sendo então “uma língua reconstruída de fragmentos hetero-  
9 gêneos e em grande parte na base de hipóteses”. (WILLIAMS, 1986, p.  
10 15)

11 Embora o latim na sua modalidade vulgar se tratasse de uma lín-  
12 gua eminentemente falada e com pouca cultura literária, isso não o faz  
13 uma língua hipotética, visto que, consoante Edwin Bucher Williams  
14 (1986), há fontes comprobatórias da existência do latim, como os ele-  
15 mentos populares, observações linguísticas nas modalidades do latim  
16 clássico e no medieval, elementos latinos presentes nas línguas de muitos  
17 povos e, principalmente, as próprias línguas românicas.

18 De modo contrário, a unidade primitiva que deu origem ao latim,  
19 o chamado indo-europeu, que é descrito por Joaquim José Nunes (1969,  
20 p. 3) como uma língua “falada por um povo sem história e cujo assento  
21 ou habitação a ciência ainda não conseguiu determinar”, trata-se de uma  
22 língua hipotética, uma vez que tudo o que se sabe a respeito dela advém  
23 de estudos comparativos entre diversas unidades linguísticas, a partir do  
24 que Mário Eduardo Viaro (2013, p. 107) denomina de “noção de afilia-  
25 ção genética das línguas”. Mário Eduardo Viaro (2013) traz em sua obra  
26 um exemplo claro de como ocorre tal estudo comparativo:

27 Tenhamos em mão as formas da primeira pessoa do singular do pretérito  
28 imperfeito do indicativo do verbo ser nessas três línguas: em latim, *eram*, em  
29 grego, *ēn*, em sânscrito, *asam*. Aparentemente não há nada em comum, mas se  
30 sabemos que em grego há uma forma mais antiga, *hean*, e que o metaplasmo

---

<sup>1</sup> De acordo com Ismael de Lima Coutinho (1974, p. 42), as “línguas românicas são aquelas que conservam vestígios indeléveis de sua filiação ao latim no vocabulário, na morfologia e na sintaxe”.

<sup>2</sup>A modalidade latim clássico, segundo Edwin Bucher Williams (1986, p. 15), era “a língua das classes cultivadas”.

<sup>3</sup> A modalidade latim vulgar, segundo Edwin Bucher Williams (1986, p. 15) era “a língua do povo”.

1                    *ea > ē* é frequente no dialeto ático, pode-se chegar com facilidade à forma in-  
2 do-europeia \**esam*. (VIARO, 2013, p. 108)

3                    Observando o exemplo de comparação acima, percebe-se que há  
4 grande dificuldade em reconstruir uma língua com base em hipóteses.  
5 Esse tipo de estudo requer conhecimento histórico e linguístico, uma vez  
6 que é necessário recorrer a vários idiomas, analisá-los historicamente, re-  
7 correr a metaplasmos com intuito de explicar possíveis mudanças ao lon-  
8 go do tempo e, enfim, comparar cada aspecto linguístico dos vocábulos  
9 selecionados, como o ocorrido com o verbo “ser”.

10                    Dessa forma, é possível dizer que tal noção de afiliação entre lín-  
11 guas é algo exequível e possibilita reconstruir uma língua desconhecida  
12 que deu origem a tantas outras. Logo, entende-se que o termo “língua hi-  
13 potética” pode ser usado para referir-se ao indo-europeu e não ao latim, o  
14 qual, embora faça parte da família indo-europeia, não comporta tal ter-  
15 minologia, uma vez que não é uma língua alcançada através de uma re-  
16 construção comparativa com base em hipóteses.

17                    Outro termo problemático utilizado para se referir ao latim é o de  
18 “língua extinta”. Entretanto, Leland McCleary (2009, p. 11) explica que a  
19 extinção de uma língua ocorre quando deixam de usá-la, "e quando os úl-  
20 timos falantes daquela língua morrem, a língua também morre. Se a lín-  
21 gua é escrita, ainda podemos saber algo sobre ela, mas a maioria das lín-  
22 guas não tem escrita e, quando morrem, desaparecem para sempre".

23                    Em suma, para que uma língua seja considerada extinta, é neces-  
24 sário que não haja mais nenhum falante vivo, assim como uma determi-  
25 nada espécie que é extinta quando o último ser vivo pertencente a ela  
26 deixa de existir. A partir dessa definição de língua extinta, percebe-se  
27 que tal fenômeno também nunca ocorreu com o latim, visto que ele ainda  
28 é praticado em áreas como a ciência, a igreja e resgatado de inúmeras  
29 formas, as quais serão vistas mais a diante. Além do mais, por se tratar de  
30 uma língua não ágrafa, o latim (clássico) deixou diversos elementos que  
31 comprovam a sua existência, assim como farta literatura escrita.

32                    Para fins de exemplificação, Bruno Fregni Bassetto (2013) aponta  
33 que a única língua românica morta é a dalmática, falada na região da an-  
34 tiga Dalmácia, uma província romana. Entretanto, entende-se que tal lín-  
35 gua se encaixa melhor na definição de língua extinta dada por Leland  
36 McCleary (2009), uma vez que o último falante do dalmático morreu no  
37 dia 10/06/1898, data também considerada como o dia de seu desapareci-

1      mento. Mário Eduardo Viaro (2013) também apresenta outros exemplos  
2      de línguas extintas, tais como o sânscrito, o tocário e o hitita.

3            Confusões entre os termos língua morta e extinta são comuns, vis-  
4      to que ambos indicam que a língua não é mais usada no cotidiano de ne-  
5      nhum povo, porém há diferenças entre esses conceitos, comprovadas a  
6      partir dos três casos de morte de uma língua apresentados por Thaís Cris-  
7      tófaro-Silva (2002) e a definição de língua extinta para Leland McCleary  
8      (2009). O que é interessante entender aqui, é que o termo língua extinta  
9      não se aplica ao latim, pois se trata de uma língua que possui escrita e  
10     tem parte do seu léxico constantemente resgatado por praticantes de ou-  
11     tras línguas, ainda que em rituais religiosos e documentos bastantes espe-  
12     cíficos.

13           O latim, contudo, também não pode ser referenciado como uma  
14     língua viva, a partir do momento em que ela não é mais usada por uma  
15     comunidade como meio de comunicação, seja escrita seja oral. Em outras  
16     palavras, não se faz necessário aprender a língua latina para viajar a al-  
17     gum lugar, nenhum estabelecimento possui o compromisso de se comu-  
18     nicar por meio dela e, obviamente, o mesmo não ocorre com as demais  
19     línguas como o português, o francês e as outras neolatinas. Sabe-se que,  
20     no Vaticano, a língua oficial é a latina, utilizada em documentos oficiais  
21     e religiosos, devendo ser ressaltado, todavia, que não há nativos da lín-  
22     gua, uma vez que não ocorrem nascimentos no país.

23           Embora o latim não possa ser considerado uma língua viva devido  
24     aos motivos apresentados acima, defini-lo como língua morta parece no  
25     mínimo injusto, e isso porque o idioma é um dos mais estudados no  
26     mundo. Os especialistas atribuem esse interesse ao aprendizado do latim  
27     por ser uma porta para as raízes comuns da cultura europeia (KLUEM-  
28     PERS, 2006). Aliás, um fato interessante a respeito dessa língua que su-  
29     postamente é considerada como morta é que recentemente fora lançado  
30     pelo Vaticano um dicionário contendo novas palavras latinas<sup>4</sup>.

31           Ora, se levado em consideração apenas o critério de utilização de  
32     uma língua no âmbito da informalidade, consoante aponta Thaís Cristó-  
33     faro-Silva (2002), de fato o latim deveria ser classificado como uma lín-  
34     gua morta. Ocorre que a língua latina tem sido, com demasiado esforço,

---

<sup>4</sup> O latim fora inicialmente falado na era antes de Cristo, logo muitas palavras usadas no atual voca-  
bulário não possuem seus respectivos significados na língua latina.

1 cultivada em ambientes específicos, geralmente acadêmicos, sendo utili-  
2 zada coloquialmente na fala (SANTOS SOBRINHO, 2013). Contudo,  
3 como isso ocorre em espaços artificialmente cultivados para tanto, emer-  
4 ge a questão da não existência de um falante verdadeiramente nativo da  
5 língua.

6 Mesmo convivendo diariamente com os praticantes das línguas  
7 românicas, herdeiras comprobatórias da existência do latim, a razoável  
8 quantidade de léxico manejada pelos falantes não parece ser reconhecida  
9 de fato por eles. Note-se que, normalmente, a língua latina é utilizada em  
10 áreas técnicas, nas quais a precisão conceitual é condição importante,  
11 como o direito, a biologia, a taxonomia da fauna e da flora, a química,  
12 etc. Não parece que itens lexicais esparsos na fala e na escrita dos indiví-  
13 duos sejam suficientes para atestar a vida de uma língua. De modo aná-  
14 logo, dados o uso constante e corrente do léxico latino, como se pode ver  
15 em produtos de supermercados e marcas comerciais, e a utilidade técnica  
16 em virtude de ser uma língua precisa e menos sujeita às ações do tempo,  
17 também não se pode atestar com veemência a morte do latim.

18 Para a língua portuguesa, é fato que o latim é de suma importân-  
19 cia, uma vez que esta é a sua raiz, que se faz muito presente no cotidiano,  
20 nas áreas acadêmicas e também sociais, o que significa que o latim não é  
21 importante apenas para o aprofundamento do conhecimento do portu-  
22 guês, mas também em diversos seguimentos da vida, inclusive para o raci-  
23 ocínio lógico e intelectual, como aponta Napoleão Mendes de Almeida  
24 (1992).

25 De qualquer forma, com base nos três casos de morte de língua  
26 definidos por Thaís Cristófar-Silva (2002), já apresentados no primeiro  
27 tópico deste trabalho, pode-se observar que o latim mais se aproxima,  
28 não de forma taxativa, ao terceiro caso: a língua não é mais usada de ma-  
29 neira coloquial, apenas em situações de ritual. Entretanto, é usual apare-  
30 cerem itens do léxico latino fora dos rituais religiosos, ainda que, em ge-  
31 ral, os falantes não possuam conhecimento de etimologia da palavra. Na  
32 verdade, os participantes dos rituais religiosos, em sua maioria, não pos-  
33 suem o conhecimento do conteúdo semântico que é proferido em tais ri-  
34 tuais.

35 Além dos comentários apresentados evidenciando que o latim não  
36 é uma língua viva, há ainda uma impressão de que o estudo do latim ja-

1 mais será recuperado em sua totalidade devido às próprias circunstâncias  
2 das políticas educacionais atuais<sup>5</sup>. No entanto, isso não inclui as univer-  
3 sidades, que mantêm cursos que fomentam o aprendizado da língua como  
4 um meio de compreensão das bases históricas das línguas românicas, dos  
5 termos técnicos utilizados no meio jurídico, de conhecimentos de cunho  
6 teológico e filosófico etc.

7 Por fim, o que se observa é que há um impasse na definição exata  
8 da língua latina, isso porque tanto defini-la como viva quanto defini-la  
9 como morta parecem extremismos. Como é possível uma língua morta  
10 criar um novo dicionário? Como é possível uma língua morta ainda ser  
11 utilizada em tantos estudos atuais? Como se explica o crescente interesse  
12 no estudo do latim em países que sequer o têm como língua originária?  
13 Ao que parece, é difícil classificar uma língua que possui contornos de  
14 viva, porém não mais falada, pelo menos não de maneira corriqueira.

15

#### 16 **4. Conclusão**

17 Após uma reflexão a respeito dos inúmeros conceitos para enqua-  
18 dramento do latim, entende-se que há real dificuldade em determinar o  
19 que o idioma vem a ser devido a questionamentos tais como: o significa  
20 de fato que uma língua está em uso? Pode-se considerar que o latim está  
21 em uso, mesmo que o falante não reconheça o significado do léxico? A  
22 vida e a evolução de uma língua podem ser provadas pela publicação de  
23 um glossário como novas terminologias latinas, por exemplo?

24 Com base em autores como Thaís Cristóforo-Silva (2002) e Mário  
25 Eduardo Viaro (2013), que abordam, respectivamente, os termos língua  
26 extinta e hipotética, é possível descartar tais definições, já que a primeira  
27 se trata, em geral, de línguas que deixam de existir quando o seu último  
28 falante morre; a segunda, de línguas que são reconstituídas com base em  
29 hipóteses devido à falta de documentos que comprovem sua existência.  
30 Logo, esses dois casos não se aplicam ao latim, visto que, apesar de não  
31 existirem falantes nativos, existem os praticantes eventuais da língua nos  
32 dias atuais, além de inúmeros documentos escritos em latim.

---

<sup>5</sup> Atualmente, o ensino médio tem sido alvo de diversas reformas educacionais, sendo que muitas áreas do saber têm sua carga horária reduzida, o que levanta a hipótese de que a língua latina de fato não voltará ao currículo do ensino básico, como o era até meados do século XX.

1 Na verdade, o grande impasse está entre os conceitos de língua  
2 viva e morta. Sobre língua viva, Vera Lúcia Anunciação Costa (1996) diz  
3 se tratar de um instrumento diário de comunicação, ou seja, uma língua  
4 viva é aquela que é utilizada no cotidiano dos falantes de uma nação e  
5 que se encontra em constante evolução. Isso remete ao fato de que o la-  
6 tim não é uma língua praticada como instrumento diário de comunicação  
7 de um povo, a não ser em situações específicas. Dessa forma, percebe-se  
8 que o latim melhor se encaixa no terceiro caso de morte de uma língua  
9 apresentado por Thaís Cristófaros-Silva (2002), que consiste no não uso  
10 de maneira coloquial, mas apenas em situações de ritual.

11 Assim sendo, com base no conteúdo pesquisado, parece que é  
12 inegável o fato de que os resquícios da língua latina, seu legado e sua his-  
13 tória estão presentes no meio social e, mesmo sendo uma língua aparen-  
14 temente estática e sem nativos, ainda contribui sobremaneira com a cul-  
15 tura neolatina, estando presente em várias áreas do conhecimento, espe-  
16 cialmente pela não propensão a mudanças, diferentemente do que ocorre  
17 com uma língua viva. De qualquer forma, devido a tantas especificida-  
18 des, há dificuldade em delimitar qual seria a melhor classificação para o  
19 latim, e é por isso que não se pretende esgotar o assunto com este traba-  
20 lho, mas sim contribuir para o enriquecimento dos estudos acerca da im-  
21 portância da língua latina.

22

## 23 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

24 ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática latina*: curso único e com-  
25 pleteo. 24. ed. São Paulo: Saraiva, 1992.

26 \_\_\_\_\_. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 45. ed. São Paulo:  
27 Saraiva, 2005.

28 BASSETTO, Bruno Fregni. *Elementos de filologia românica*, vol. I - his-  
29 tória externa das línguas românicas. São Paulo: Universidade de São  
30 Paulo, 2010.

31 \_\_\_\_\_. O extinto veglioto no contexto românico. *Idioma*, Rio de Janei-  
32 ro, n. 24, 1º. Sem, p. 20-38, 2013. Disponível em:

33 <[http://www.institutodeletras.uerj.br/idioma/numeros/24/Idioma24\\_a02.](http://www.institutodeletras.uerj.br/idioma/numeros/24/Idioma24_a02.pdf)  
34 [pdf](http://www.institutodeletras.uerj.br/idioma/numeros/24/Idioma24_a02.pdf)>. Acesso em: 25-01-2017.

35 COSTA, Vera Lúcia Anunciação. A importância do conhecimento da va-  
36 riação linguística. *Educar em Revista*, Curitiba, vol. 12, p. 51-59, 1996.

- 1 Disponível em:  
2 <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40601996000100005)  
3 [40601996000100005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40601996000100005)>. Acesso em: 25-01-2017
- 4 COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. 6. ed. Rio  
5 de Janeiro: Acadêmica, 1974.
- 6 CRISTÓFARO-SILVA, Thaís. Morte de língua ou mudança linguística?  
7 – Uma revisão bibliográfica. *Revista do Museu Antropológico - UFG*.  
8 Goiás, vol. 5-6, n. 1, p. 55-73, 2002. Disponível em:  
9 <[http://www.projetoaspa.org/cristofaro/publicacao/pdf/mudancalgtca-](http://www.projetoaspa.org/cristofaro/publicacao/pdf/mudancalgtca-goias-2002.pdf)  
10 [goias-2002.pdf](http://www.projetoaspa.org/cristofaro/publicacao/pdf/mudancalgtca-goias-2002.pdf)>. Acesso em: 26-01-2017
- 11 JONES, Meirion Prys. *As línguas ameaçadas de extinção e a diversidade*  
12 *linguística na União Europeia*. Direção-Geral das Políticas Internas.  
13 2003. Disponível em:  
14 <[http://www.europarl.europa.eu/committees/en/supporting-analyses-](http://www.europarl.europa.eu/committees/en/supporting-analyses-search.html)  
15 [search.html](http://www.europarl.europa.eu/committees/en/supporting-analyses-search.html)>. Acesso em: 07-02-2017.
- 16 KLUEMPERS, John. Língua morta, porém popular. *Deutsche Welle*, s/p,  
17 2006. Disponível em:  
18 <<http://latim.paginas.ufsc.br/files/2012/06/Li%CC%8Ingua-morta.pdf>>.  
19 Acesso em: 26-01-2017.
- 20 LYONS, John. *Linguagem e linguística: uma introdução*. Trad.: Marilda  
21 Winkler Averborg e Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: LTC,  
22 2011.
- 23 MAGRINI, Daniel Ferreira; PEREIRA, Danuzia dos Anjos; ZACARIAS  
24 Pedro Henrique de Souza; YOUNG, Chloé Rocha. Organização das Na-  
25 ções Unidas para educação, ciência e cultura. (UNESCO). Simulação Di-  
26 plomática. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2009. Disponível em:  
27 <[http://stoa.usp.br/csusp/files/1560/8684/Guia+de+Estudos+-](http://stoa.usp.br/csusp/files/1560/8684/Guia+de+Estudos+-+UNESCO+PAX+2009.pdf)  
28 [+UNESCO+PAX+2009.pdf](http://stoa.usp.br/csusp/files/1560/8684/Guia+de+Estudos+-+UNESCO+PAX+2009.pdf)>. Acesso em: 27-01-2017.
- 29 MCCLEARY, Leland. *Sociolinguística*. Florianópolis: Universidade Fe-  
30 deral de Santa Catarina, 2009. Disponível em:  
31 <[http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoBasica/soc-](http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoBasica/sociolinguistica/assets/547/TEXT0-BASE_Sociolinguistica.pdf)  
32 [iolinguistica/assets/547/TEXT0-BASE\\_Sociolinguistica.pdf](http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoBasica/sociolinguistica/assets/547/TEXT0-BASE_Sociolinguistica.pdf)>. Acesso  
33 em: 28-01-2017
- 34 MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e deli-  
35 mitação. In: \_\_\_\_; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). *Introdução à sociolin-*  
36 *guística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

- 1 NUNES, Joaquim José. *Compêndio de gramática histórica*. 7. ed. Lis-  
2 boia: Clássica, 1969.
- 3 SANTOS SOBRINHO, José Amarante dos. *Dois tempos da cultura es-*  
4 *crita em latim no Brasil: o tempo da conservação e o tempo da produ-*  
5 *ção*. 2013. Tese (Doutorado). – Programa de Pós-graduação em Língua e  
6 Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador. Disponível em:  
7 <<http://pct.capes.gov.br/te-ses/2013/28001010078P1/TES.PDF>>. Acesso  
8 em: 27-01-2017.
- 9 SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. 5. ed. São Paulo:  
10 Cultrix, 1973.
- 11 VIARO, Mário Eduardo. *Manual de etimologia do português*. 2. ed. São  
12 Paulo: Globo Livros, 2013.
- 13 VILAS BOAS, Cristiane Max Serra; HUNHOFF, Elizete Dall’Comune.  
14 Um estudo sobre a origem da língua portuguesa: do latim à contempora-  
15 neidade, contexto poético social. *Revista Moinhos*, vol. IV, p. 33-45,  
16 2014. Disponível em:  
17 <[http://www.unemat.br/revistas/moinhos/media/files/UM%20ESTUDO%20](http://www.unemat.br/revistas/moinhos/media/files/UM%20ESTUDO%20SO-)  
18 [SO-](http://www.unemat.br/revistas/moinhos/media/files/UM%20ESTUDO%20SO-)  
19 [BRE%20A%20ORIGEM%20DA%20L%3%8DNGUA%20PORTUGUESA](http://www.unemat.br/revistas/moinhos/media/files/UM%20ESTUDO%20SO-)  
20 [%20DO%20LATIM%20C3%80%20CONTEMPORANEIDADE,%20C](http://www.unemat.br/revistas/moinhos/media/files/UM%20ESTUDO%20SO-)  
21 [ONTEXTO%20PO%20C3%89TICO%20E%20SOCIAL.pdf](http://www.unemat.br/revistas/moinhos/media/files/UM%20ESTUDO%20SO-)>. Acesso em:  
22 08-02-2017.
- 23 VIOTTI, Evani de Carvalho. *Introdução aos estudos linguísticos*. Flória-  
24 nópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008. Disponível em:  
25 <<http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoBasica/estudos>  
26 [Linguisticos/assets/317/TEXTO BASE - VERSAO REVISADA.pdf](http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoBasica/estudos)>.  
27 Acesso em: 07-02-2017.
- 28 WILLIAMS, Edwin Bucher. *Do latim ao português*. 4. ed. Trad.: Antô-  
29 nio Houaiss. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986.